



*Em busca da cidadania plena*

# jornal RUMOS

Jornal da Associação Rumos | Movimento das Famílias dos Padres Casados no Brasil | Fundado em abril de 1982

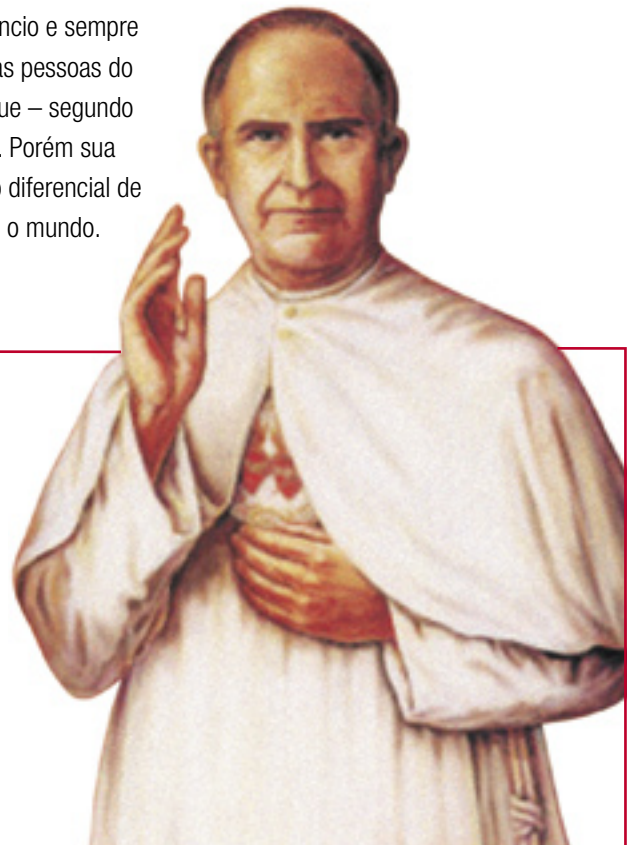
## Em missão de saúde e paz em tempos de guerra

### **O Bem-aventurado Padre Eustáquio van Lieshout,**

religioso da Congregação dos Sagrados Corações, passou depressa pela vida no tempo e foi tudo para todos. Ele agiu e viveu como portador da esperança de saúde para quem dela necessitava e a pedia para si e para os outros; anjo da paz para quem seguindo sua orientação segura e confiante no poder intercessor de suas bênçãos, buscava viver a santidade.

Padre Eustáquio van Lieshout chegou ao Brasil em silêncio e sempre estava meditando e rezando, sempre escutando mais as pessoas do que falando. Aqui viveu no curto período de 18 anos, que – segundo a História - foram muito difíceis para o país e o mundo. Porém sua passagem, com sabor de Pentecostes, se constituiu no diferencial de testemunho de vida e de bênção para o país, a Igreja e o mundo.

→ continua na página 12



nesta edição

- 3 Projeto de atualização do LISTAR
- 5 A Entrevista do Cardeal
- 8 Dom Hélder Câmara: nosso José do Egito (parte II)
- 15 Padre Cícero reabilitado
- 17 Estrepolias do Arcebispo Emmanuel Milingo
- 19 Igreja da América Latina: Rumo à 5ª Conferência



# Aos trancos e barrancos...

*Joarez Virgolino Aires*

**Por tudo que temos lido, ouvido, partilhado e presenciado** nesta periferia do Reino em que nos achamos, parece que deveríamos mudar o nome de nosso MPC para Teimosia. E o nome de nosso jornal para João Teimoso. Começando pelo mais próximo, o Jornal Rumos. Pelos e-mails que temos recebido temos a sensação de o nosso movimento achar-se mergulhado numa crise de identidade. O próprio substantivo Rumos exige que andemos em linhas oscilantes, em movimento errático como o próprio tracejado dos Hebreus pelo deserto: ora avançamos para o norte, ora para leste ou oeste. Somos rumos e não uma legião romana marchando todos numa mesma trilha, ao rufar dos mesmos tambores. Retratamos esta linha sinuosa nas três mensagens de colegas que estampamos nesta edição. Desde o encontro de São Luiz que o movimento vem navegando nas águas rasas do caixa negativo. Como acudir os irmãos fragilizados ou firmar os joelhos vacilantes se tracionamos o nosso cabresto para montes de capins diferentes e só nos ocupamos de carregar as abóboras de nossas próprias idéias e teses? Mal temos o Caixa um. De Caixa dois, nem falar! Claro que idéias e sugestões não nos faltam e muitas, muitíssimas. Porque não fazer isto, porque não fazer aquilo. O certo seria fazer assim; o melhor seria

agir assado. Claro: bem-vindas e benditas sugestões que nos são oferecidas. Indicam que, pelo menos ainda estamos vivos, folguejamos e esperneamos. Mas na hora de prender a sineta no rabo do gato, cadê os protagonistas? Acostumados ou treinados, para não dizer adestrados, para mandar, não conseguimos juntar as idéias e sugestões conflitantes ou discordantes num só abraço em torno da grande árvore da fraternidade, em favor da vida e vida em abundância. A verdade é que somos muitos mas bem poucos. Alguém de nós teria a fórmula apropriada para garantir-nos o que trinta anos de peregrinação não conseguiu ainda vislumbrar? Talvez até tenhamos conseguido vislumbrar mas ainda não conseguimos agarrar com unhas e dentes. Atendendo expectativas dos colegas que se interessam por uma melhor inserção na Igreja, Rumos apresenta as estripulias do Arcebispo Emmanuel Milingo. O esperto velhinho deixou para trás os mais ousados dentre nós. Agarrou o que queria e está lutando pelo que deseja. Privilegiando esta figura exótica que somos nós, inserimos nesta edição estas três figuras que somadas talvez ajudem a nos entendermos melhor. Estou falando do padre Cícero e o padre Hélder, cujo perfil ora concluímos, além, é claro, do Arcebispo Milingo. ♦



## expediente

**Rumos** é um jornal bimestral editado pela Associação Rumos, a serviço do Movimento das Famílias dos Padres Casados no Brasil (MPC). **Editor responsável:** Joarez Virgolino Aires. **Revisor de texto:** Antônio Alves de Castro. **Secretário de redação:** Bismarck Frota de Xerez. **Jornalista responsável:** Mauro de Queiroz (MTb 15025 | fone: 11 5667-5185 | e-mail: maurino@bol.com.br). **Projeto gráfico e diagramação:** Elisa Volpato (elisa.volpato@onda.com.br). **Impressão:** Copiadora Andrioli (Av. Vicente Machado, 198 cj. 101 sl. 01 | fone 41 3322-3725). **Colaborações:** textos, ilustrações e fotos devem ser enviados para o e-mail: virgolino.virgolino@yahoo.com.br. **Correspondência:** comunicações, sugestões e críticas devem ser dirigidas ao Jornal Rumos (Rua Visconde de Nácar, 1200 ap. 159 | Centro | CEP 80410-201 | Curitiba/PR | fone/fax: 41 3233-7714). **Textos assinados não representam necessariamente a opinião do jornal. São de responsabilidade dos autores.**

**Contribuintes:** toda correspondência relativa a assinaturas, mudança de endereço, pagamento e remessa de valores deverá ser dirigida unicamente a Germán Calderón Calderón (Rua das Violetas, 8 | Bairro Jardim Pérola d'Oeste | CEP 80015-170 | Guarapuava/PR | fone: 42 3623-5210), que recomenda que os pagamentos sejam feitos exclusivamente por depósito bancário ao **Banco do Brasil, agência 0299-2, conta 33.624-6, Guarapuava Paraná.** CNPJ 02.618.544/0001-47, Sede Pessoa Jurídica: SRTN QT. 701 Ed. Centro Empresarial, sala 622A, Brasília/DF. Guarde o seu comprovante de depósito e remeta uma cópia para Germán Calderón Calderón (Rua das Violetas, 8 | Bairro Jardim Pérola d'Oeste | CEP 80015-170 | Guarapuava/PR | e-mail: germancalderon@brturbo.com.br). Assinatura anual: R\$ 30,00 ou, pela taxa anual da Associação: R\$ 120,00 (R\$ 10,00 mensais).



# Projeto de atualização do LISTAR

**Como podemos amar a quem não conhecemos?** Com os últimos endereços que recebemos do Tavares, São Luis/MA, chegamos a 157 nomes-família. É ainda bem pouco, não é?! Continuamos aguardando as listas atualizadas dos diversos grupos locais dos diversos e muitos estados. Queremos de fato um novo listar atualizado?! ♦

## Renovaram contribuição ao MPC/Rumos

**Na condição de sócios** (taxa anual de R\$120,00) a partir de junho de 2006 a junho de 2007: Henrique Swillens - Fortaleza/CE; de julho de 2006 a julho de 2007: Ubiratán de Araújo Pires - Frecheirinha/CE; Luís Guerreiro - Brasília/DF.

**Renovaram assinatura do jornal Rumos** (taxa anual de R\$30,00) até abril de 2007: R. Heitor Luz, 97 ap. 1004, Florianópolis/SC, João Mendonça Leite; até março (01/03/06): Geraldo Freire, SQS, 103 G 406- 70342-070, Brasília/DF; Pe. Abílio da Costa Oliveira, Portugal; Revista Miriam, Portugal; Maria Amélia Sant'Ana, Library of Congress Office, Seção Assinaturas Caixa Postal 6556, Rio de Janeiro/RJ; Almir Dias Simões, Salvador/BA. ♦

---

cartas

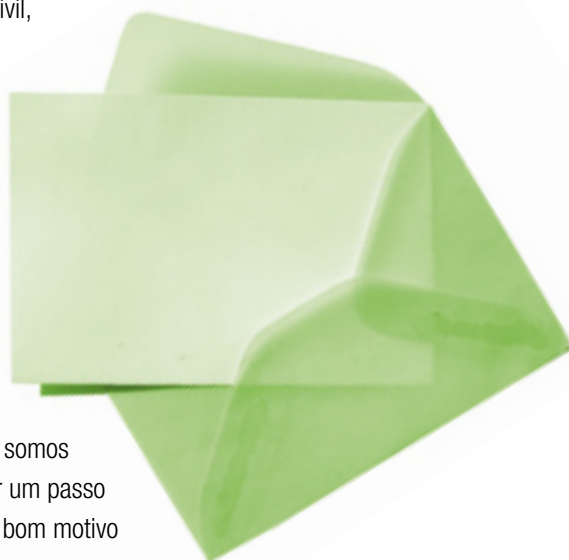


# Debatendo os rumos do MPC

## Caros amigos,

Atendendo ao apelo SOS RUMOS, feitos pelos colegas Tavares e Joarez, segue uma reflexão pessoal, em forma de desabafo, sobre os “rumos” do nosso movimento. Falta ao nosso grupo MPC uma mística. Algo que nos sustente além das nossas reuniões e encontros. Falta ao movimento, principalmente, uma identidade clara. Somos uma colcha de retalhos, sem rumo na Igreja e e na sociedade. Falta-nos, sobretudo, um objetivo. O que fazemos de concreto? Que resposta damos à sociedade e aos novos colegas que estão deixando o ministério. Nosso movimento está morrendo e só não vê quem não quer. Estamos mais preocupados com a hierarquia católica, com nossas amizades com bispos e nossa vida cômoda e burguesa. ONDE ESTÁ NOSSO PROFETISMO?

Não fomos nem capazes de construir um grupo, uma ONG, uma entidade civil, um grupo de auto-ajuda, uma sociedade beneficente, um clube lútero-recreativo... Tudo isso porque falta-nos ENGAJAMENTO. Acreditar num projeto, arregaçar nossas mangas e cair em campo, trabalhando, com dedicação. Vivemos sempre às custas de alguns abnegados, verdadeiros heróis do MPC. Olhando outros grupos, mesmo no âmbito de Igreja, fico pensando quanto deixamos a desejar. Estamos sempre ocupados demais para dedicar um pouco de nosso tempo livre ao movimento. E tudo isso, repito, é pela falta de um projeto concreto. Somos tudo e não somos nada. Não somos nem quente nem frio, sequer morno. E por que acontece tudo isso? Porque ficamos sempre no aguardo das bênçãos da Santa Madre, no saudosismo ou no vanguardismo que não leva a nada. Ou somos tão saudosistas e apegados ao poder clerical que ficamos incapazes de dar um passo à frente. Ou tão vanguardistas que, no sonho e na utopia, encontramos um bom motivo também para nada fazer. Nunca é demais lembrar que a Igreja começou com um pequeno





## cartas

grupo inseguro e com medo. Que Francisco de Assis começou sua missão sozinho na Igreja de São Damião. Tantos outros exemplos de grupos que cresceram, na igreja e na sociedade, a partir de alguns visionários. Sobretudo pessoas que acreditaram numa idéia, num projeto. E transformaram essa idéia na sua razão de viver. Ou mudamos radicalmente nossa forma de pensar e agir ou deixaremos em breve de existir como grupo, organização. E, assim, estaremos cumprindo fielmente o escrito traçado pela hierarquia católica romana: sumir, desaparecer e deixar definitivamente de lutar pelo exercício do ministério sacerdotal casado. Lembrem-se, como afirmou o nosso irmão e amigo padre Paulo Aimé. "Roma é eterna e conta justamente com o tempo para assistir ao desaparecimento lento e gradual do MPC". Precisamos abrir espaços, ter a coragem profética de romper barreiras, preconceitos, discriminações, medos e subserviência ao poder clerical absoluto. Juntar nossa força à de irmãos e irmãs do mundo todo, cristãos engajados e comprometidos, e partir para um novo modelo de ser igreja, Povo de Deus. E OUSAR FAZER, FAZER, FAZER... Um abraço fraterno, **Félix Batista Filho - Recife-PE.** ♦

## Benedicite, Mário,

### **Que choradeira é essa que começa aparecer de repente de todos os lados,**

de que o MPC não presta...? Eu só posso dizer, que em diversas épocas de vida o MPC me ajudou muito psicologicamente (também tenho feito algo por ele - não tanto como o meu marido). Conte lá por alto a quantos colegas nós de Brasília demos no decorrer dos anos uma ajuda financeira. Assim, na primeira contagem, cheguei a, pelo menos, uma dúzia.

No último congresso em Salvador (também cheguei de avião mas a um preço promocional, talvez tão barato como o ônibus) fiquei impressionado quando cada um se apresentava e contava o que fazia. Tanta gente que faz trabalhos voluntários... e bons trabalhos. Que Deus nos ajude a sermos um pouco mais positivos.

Um grande abraço, **Irene.** ♦

## Caros irmãos, padres casados e seus amigos

### **Em janeiro estive morando 300 km de Salvador.**

Até outubro estive trabalhando na educação, ganhando pouco, pagando aluguel e vivendo em dívidas do passado. Desde o começo de novembro, indo atrás dos sonhos missionários, fiquei desempregado. No dia de hoje estou rezando muito para aparecer um comprador e comprar a minha casinha simples em Mairi, para poder pagar as dívidas nos bancos dos tempos de desemprego, de doenças... e sair no zero. Não tive como ir para o encontro de Salvador, mesmo que parecia tão perto...

Graças à bondade de Paulo (padre casado, político local), pude de novo regressar para o trabalho na educação de Senhor do Bonfim e estou de novo tentando sobreviver, mas sobre as minhas amarguras com a busca de emprego já escrevi na carta anterior.(...)

O MPC deveria ser um movimento não de palavras, mas de pessoas concretas, onde uns preocupam-se com os outros, onde não o choro ou só as idéias deveriam estar no primeiro lugar, mas as pessoas, os padres casados, com suas vidas e seus problemas. (...)

Aqui estou de acordo com Felix: Preocupar-se com o dinheiro para RUMOS deveria ser algo secundário, mas no primeiro lugar dever-se-ia pensar no socorro para o próprio MPC e este socorro passa só pela mudança de visão e atitudes de seus membros. Tendo uma base pessoal e moral forte, aparecerão também as pessoas e o dinheiro para RUMOS e outras lutas.

Estas palavras, ainda mais duras que de Felix, escritas rápido do sertão baiano, são só um ponto de vista particular. Podem criticar, não gostar, não me interessa, como não me interessa um MPC fraco, morrendo.

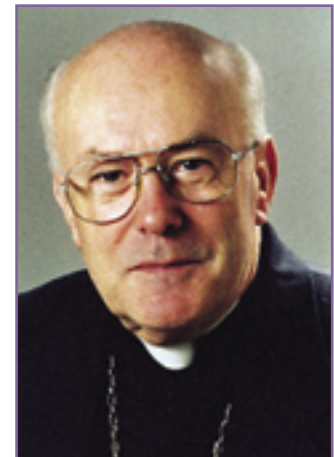
Se decidirem um dia começar a lutar por um outro MPC mais solidário e forte, com um trabalho firme e concreto, podem contar com a minha presença e luta ao vosso lado.(...)

**Mirosław: padrecasados@grupos.com.br** ♦



# A Entrevista do Cardeal

Traduziu Luís Guerreiro, Brasília, DF



**Em 9 de março último, o cardeal Godfried Danneels**, arcebispo de Bruxelas e presidente da Conferência Episcopal Belga, concedeu uma longa entrevista ao diário “La Dernière Heure” da Bélgica. Nela, o cardeal, considerado progressista e um dos papáveis quando da eleição do sucessor de João Paulo II, responde a questões hoje muito controversas no âmbito eclesial. Eis aqui grande parte da entrevista:

## **A questão recente das caricaturas dinamarquesas e, já antes, as tentativas dos fundamentalistas por levar às últimas conseqüências as prescrições do Corão serão motivo para se temer o Islã no século XXI?**

**Danneels:** O Islã é uma religião onde tudo é monolítico: fala-se árabe, há uma mesma crença, hábitos iguais, matrimônios... nele, é tudo ou nada. Entre nós, o que predomina é a ruptura dessa tendência monolítica: posso falar francês, ser católico, não ser capitalista e gostar de Dostoiévski. Essa colcha de retalhos não existe no Islã.

## **Esse caráter monolítico poderá constituir um perigo?**

**Danneels:** Sem dúvida; assim aconteceu com o cristianismo de há séculos. Entretanto, nós aprendemos a separar a Igreja do Estado, o que não acontece no Islã: nele, a vida social está totalmente controlada. Ao menos para os integristas. Neste caso, o Islã propende para o fundamentalismo. Existe, contudo, outro Islã, o dos ambientes intelectuais, que já estabeleceu uma separação entre a religião e a vida social, a religião e o Estado. Este eu o definiria como um Islã que já teve a sua Revolução Francesa e espero que o Islã europeu a venha a completar. O Islã prega valores autênticos, como o conceito de um Deus transcendente, a prática religiosa frequente e regular, a coesão social e a possibilidade de a religião intervir na vida social. Fazendo-o sem invadir o domínio estatal, não há problema.

## **A Igreja Católica mantém relações constantes com as demais religiões?**

**Danneels:** Existe uma certa harmonia com as outras religiões no nosso país; mas ela podia ser mais sólida. No que se refere ao Islã, o problema está em que não existe nele uma hierarquia, os imãs são todos iguais; não há um interlocutor que represente todo o Islã. O Executivo dos muçulmanos atualmente existente possui um presidente, mas sem autoridade alguma; além disso, não é reconhecido por toda a comunidade e encontra-se bastante dividido.

## **O senhor acha que se pode representar o profeta Maomé?**

**Danneels:** Direi, em primeiro lugar, que conheço vinhetas melhores e mais interessantes que as dinamarquesas. Em segundo lugar, entendo que Maomé pode ser representado. Mas, se os muçulmanos não querem que o seja, penso que não os devemos provocar. Contudo, a sua reação foi totalmente exagerada. Nada pode justificar a violência. Como explicá-la? Provavelmente originou-se de um certo radicalismo. Manipulação? Talvez. Mas não há que esquecer que, na consciência coletiva dos muçulmanos, está sempre presente a memória das Cruzadas. Eles veem o Ocidente como anti-islâmico e a sua moralidade como degradada. É como que uma ferida arraigada na consciência coletiva. Para mais, por trás dessas feridas, é provável que haja instrumentalizações. Não há nada mais fácil do que instrumentalizar a religião em sentido negativo: então ela se transforma em fanatismo.



## opinião

### **E o casamento dos padres: não será possível tomá-lo em consideração?**

**Danneels:** A sua proibição deriva de uma lei positiva da Igreja, o que significa que essa lei pode ser mudada. Trata-se de uma lei disciplinar, não baseada no sacerdócio. É possível ser padre sem ser celibatário: na Igreja oriental, a maioria dos padres é casada. O celibato será uma concepção já ultrapassada? O futuro o dirá. Veremos se será abolido. Não creio. No fundo, o padre escolhe-o livremente antes de empreender esse caminho. Será ele um freio para quem se encaminha ao sacerdócio? Não creio. Pode ser que, abolindo-o, se consiga mais alguma vocação, mas não estou certo de que isso dure por muito tempo. Basta lançar um olhar às outras Igrejas onde o celibato não é obrigatório: sofrem a mesma crise de vocações que nós. O grande obstáculo para um padre não é o celibato, mas a dificuldade de doar a vida por causas invisíveis. Também a solidão. E também as duras condições de vida de um padre. Ser padre já não representa promoção social como há cinquenta anos ou há um século. A sua vida é dura e o trabalho árduo!

### **E o sacerdócio feminino?**

**Danneels:** Dizem que a Igreja Católica não quer que mulheres recebam o sacerdócio. Não é exato. O que ela afirma é que não se sente autorizada a ordená-las, visto Jesus só ter escolhido homens como apóstolos. Sendo assim, penso que o que se faz necessário é confiar às mulheres altas responsabilidades na Igreja. Na minha opinião, quanto a isto, existe um atraso que é preciso recuperar.

### **A Igreja Católica é alvo de críticas muito duras por suas posições em relação ao aborto, à anticoncepção, ao preservativo... O senhor é a favor ou contra o uso do preservativo?**

**Danneels:** Nunca se deve condenar o pecador. Mas, por vezes, é necessário ter a audácia de remar contra a corrente. É verdade, essas questões cristalizam as críticas e tornam difícil a vida da Igreja.

Nos seus discursos, o Papa nunca usou o termo preservativo e, muito menos, para condená-lo. Da minha parte, não digo que o seu uso seja aceitável. Mas, se, por exemplo, um homem com AIDS obriga a mulher a ter relações sexuais, ela há de poder obrigar o marido a usar preservativo. Caso contrário, dar-se-ia um outro pecado, o do homicídio. Eu sempre disse: na medida em que permite a defesa da vida, o preservativo não se restringe unicamente ao campo sexual.

### **E o aborto é condenável em qualquer caso?**

**Danneels:** A Igreja mantém a sua posição e eu também: não se pode dispor da vida. Contudo, é coisa diferente condenar sistematicamente a mulher que aborta. Se ela o faz friamente, isso não é tolerável. Mas não é o mesmo, se ela se encontra entre a espada e a parede: isso reduz a sua responsabilidade. Os próprios tribunais não julgarão do mesmo modo o homicida, quando se trata de crime passionnal ou de crime perpetrado a sangue frio. Por vezes, a responsabilidade será só parcial. Não obstante, a minha atitude continua firmemente contrária ao aborto. É uma posição derivada do respeito total e ilimitado que se deve ao outro.

### **A visão do senhor em relação ao casamento homossexual sofreu alguma mudança?**

**Danneels:** A meu ver, o cerne do debate é inconsistente. É o próprio casamento dos homossexuais que é problemático para mim. Sou capaz de aceitar que a legislação civil fixe condições de coabitação e direitos para os pares homossexuais, mas não posso admitir que se chame a isso casamento. Não há por que confundir as coisas: os conceitos e as palavras devem permanecer unívocos. Se o termo "matrimônio" se aplicar a qualquer forma de coabitação entre homem e mulher ou entre um homem e outro homem, então a palavra deixou de ter sentido. Chamemo-lo de outra maneira. Quanto à adoção por pares homossexuais, ela será consequência lógica do casamento entre pessoas do mesmo sexo.



### O senhor admite a homossexualidade como tal?

**Danneels:** É conhecida a doutrina da Igreja sobre este ponto: aos nossos olhos, não se trata de uma situação normal. A questão não está em condenar ou discriminar. Há que fazer uma distinção entre juízo ético e leis que regulam a vida da sociedade. É idêntico o nosso discurso em relação à prostituição: a Igreja é contrária a tais práticas, mas respeita as leis que as regulam.

### E a homossexualidade dos padres?

**Danneels:** Quer seja hetero ou homossexual, o padre fez promessa de celibato. Não diferencio um do outro. Se o padre não observar o celibato, chamá-lo-ei e verei o que se pode fazer. Mas o fato de ele ser homossexual não constitui, para mim, razão de intervir.

### Segundo uma sondagem recente, 80 por cento dos hospitais católicos adotou um código ético que permite recorrer à eutanásia. Qual é a sua posição?

**Danneels:** Nas clínicas católicas, a eutanásia não tem lugar senão em casos excepcionais e em condições muito rígidas. Creio que a maior parte procede dessa maneira. Contudo, eu critico tais decisões, é claro. Mas dou valor ao fato de estas instituições insistirem em protelá-las. O que as distingue dos hospitais laicos é que essa decisão última continua sendo excepcional nas instituições católicas, ao passo que, em muitas das outras se aplica a lei tal qual é, de maneira bem liberal.

### O senhor pensa no desespero dos pacientes e das famílias?

**Danneels:** Pode haver desesperos, mas nunca situações absolutamente desesperadas. O que quero dizer é que os pedidos de eutanásia da parte dos pacientes são muito raros. São sobretudo as famílias que tomam essa decisão e o paciente então fica como que obrigado a segui-la. Dizem-me que a eutanásia é recomendada em pouquíssimos casos. Acompanhar

o paciente em fase terminal requer uma certa generosidade. A solução técnica é mais fácil do que atender cuidadosa e amorosamente ao doente até ao último momento. No fundo, é este o jogo.

### Bento XVI é visto como um Papa de transição, depois do carismático João Paulo II. O senhor que opinião tem dele?

**Danneels:** É um homem discreto. Um homem que ensina com calma. Não é, de modo algum, um ator, nem um homem de multidões. É ponderado. A sua primeira encíclica é muito clara: não fala de temas candentes, fala do essencial, de amar a Deus e amar os outros. Uma bela encíclica, embora, dois dias após a publicação, a mídia não falasse mais dela... Diria que, a par de temas controversos, é bom voltar à beleza e essência do cristianismo. Creio que ele o faz muito bem. Conheço-o há vinte anos e sabia que não era o cardeal-blindado que imaginavam. É um homem carinhoso e afável, que possui o dom da oração; um professor que é ele próprio, que não tenta imitar o seu antecessor. Trata-se claramente de um homem sólido. Agrada-me.

**P. S.** Em 22 de abril de 2006, os jornais faziam eco de algumas afirmações que o cardeal italiano Carlo Maria Martini teria feito à revista L'Espresso. Em contradição com o Vaticano, que se opõe totalmente ao uso de preservativos, por considerá-los um método anticoncepcional artificial, Martini afirmou que "o uso de preservativo pode constituir, em determinadas situações, um mal menor. Como na situação singular de um matrimônio em que um dos casados padece da AIDS. Um está obrigado a proteger o outro e a si mesmo". Era uma resposta ao cientista italiano Ignazio Marino que disse não entender por que a Igreja continua a opor-se ao uso de preservativos como meio de conter a propagação do HIV, se a própria doutrina católica permite escolher um mal menor, quando há vidas em jogo. ◆



# Dom Hélder Câmara: nosso José do Egito (segunda parte)

Organização do texto: Joarez Virgolino Aires

## Dom Hélder e a espiritualidade

### **Cultivava duas práticas de renovação espiritual: jejuis periódicos e vigílias diárias.**

Além disso ainda praticava mortificações como, após as reuniões no Palácio São Joaquim no Rio, resolvia passar a noite inteira sobre as pedras que havia por perto do Palácio, ao invés de voltar para casa. A prática das vigílias foram incorporadas à sua rotina diária desde sua ordenação sacerdotal, em 1931. Geralmente ia dormir por volta das onze da noite e pontualmente seu despertador soava às duas da madrugada, permanecendo acordado até as cinco da manhã, em silêncio. Neste período além da reza do Breviário, aproveitava para escrever suas cartas e seus poemas de oração. Tinha o hábito de dirigir-se ao seu bom anjo da guarda, invocado sob o nome de José, seu constante protetor. Sua fé no seguro amparo deste zeloso protetor produziram algumas maravilhas inexplicáveis, como ganhar um prêmio no valor de 150 contos de réis de um bilhete de loteria, que lhe permitiu comprar um apartamento para sua mana Nairzinha. Ou ainda a recuperação da surdez que o acometeu exatamente na véspera de sua importante audiência com Secretário de Estado de Pio XII, o então Monsenhor Montini. Percorrendo seus poemas e seus textos, podemos colher uma antologia de pequenas grandes pérolas como, por exemplo: em um dos seus poemas, meditando sobre o mundo dividido entre ricos e pobres colhemos esta jóia: *Há uma Eucaristia do Santo sacramento: a presença viva de Cristo, sob as aparências do pão e do vinho. Há também a outra Eucaristia, a Eucaristia do pobre: - aparência de miséria ? realidade do Cristo! (...)* *A propriedade é o maior dogma para nossos*

*bons cristãos, mais importante que a Santíssima Trindade, que a Encarnação do Verbo: a propriedade privada!...*

*A propriedade privada que é propriedade privante...(...) É mas fácil estar no ódio do que na bondade. Somente os fortes – fortes pela graça do Senhor – podem manter-se verdadeiramente na bondade. É curioso como os poderosos da terra temem a bondade...*

Meditando sobre a Igreja saiu-se com esta: *Nós, os excelentíssimos, estamos necessitados de uma excelentíssima reforma!*

Conferindo o mundo dividido entre crentes e não crentes: *Os que não crêem têm em comum com os que crêem que o Senhor acredita neles.*

Olhando para o tema da justiça e a religião, exclamou: *- Ah! é tão fácil dar, quero dizer: dar como a árvore dá sombra, do alto de sua grandeza! Mas, como é difícil dar sem humilhar, como um irmão que apenas cumpre o seu dever, que partilha com seus irmãos o que pertence também a eles.*

E meditando sobre o tema Marta e Maria:

*“O importante não é fazer o impossível para parar o tempo, mas aproveitar o tempo para transformá-lo em eternidade.”*





## Dom Hélder e sua produção literária

Obras publicadas e traduzidas. Tem 23 livros publicados, sendo 19 deles traduzidos para 16 idiomas. Tomando por critério apenas a quantidade de páginas devemos destacar: *Revolução dentro da Paz*, Rio de Janeiro, Sabia, 1968, 203 p. (editado em cinco idiomas); *Pour arriver à temps*, Paris, Desclée de Brouwer, 1970, 183 p. (\*editado em 7 idiomas); *L'Évangile avec Dom Helder*. Paris, Editions de u Seuil, 1985, 189 p. (editado em 6 idiomas). E relaciona cinquenta e dois trabalhos sobre a pessoa e o trabalho de Dom Hélder.



◆ Dom Hélder celebrando missa em comemoração a seus 75 anos de idade

## Dom Hélder e a mídia

Após concorridíssima conferência em Roma sobre as perspectivas de novas estruturas na Igreja, Dom Hélder analisa: *Em que dará minha palestra/ Haverá forte reação da extrema direita? A Cúria Romana reagirá? Que pensará a respeito o Santo Padre? Agi tranquilamente (...) Agi, agirei e agiria (...) pela necessidade de encorajar os peritos, os observadores e a imprensa; pela necessidade de ajudar toda a geração de amanhã (jovens clérigos e leigos ansiosos por ver a superprudência contrabalançada por uma ponta de audácia); pela convicção de ter recebido o sopro de Deus, através de José...*

## O papel de Dom Hélder na Igreja

No Plano Internacional (Santa Sé): Membro do “Conselho Supremo de Imigração” da comissão “Para Disciplina do Clero”, preparatória do Concílio Vaticano II (1962-1965), onde foi Padre conciliar nas 4 sessões, membro da Comissão “Apostolado dos Leigos e Meios de Comunicação Social, no Concílio Ecumênico - 1964 e Delegado do Episcopado Brasileiro no III Sínodo dos Bispos (1974). Nunca conheceu o desânimo e o luxo. Sempre se alimentou como um passarinho, de preferência, Em botequins, nas imediações de seu local de trabalho. Dom Hélder é para a Igreja o que Paulo Freire representa para a educação e os movimentos sociais. Sem a pedagogia do oprimido não haveria MST, CUT, CNP, PT. Sem Dom Hélder talvez não houvesse comunidades eclesiais de base e pastorais sociais, campanha da fraternidade e grito dos excluídos.

*Segundo Frei Beto, Dom Hélder sintetiza o que de melhor ocorreu na Igreja Católica nesta segunda metade do século XX.*

## Dom Hélder e suas tiradas originais

Em certa ocasião, a polícia federal bateu à sua porta: - Viemos oferecer-lhe uma equipe de segurança. Se o Sr. morrer em acidente ou for assassinado por um louco, a culpa recairá sobre o regime militar. Dom Hélder achou graça com tamanho cuidado com sua segurança. De fato, preocupação com a imagem do Brasil no exterior. — Não carece não, respondeu Dom Hélder. Já tenho três pessoas que cuidam muito bem da minha segurança. Os delegados ficaram surpresos: - Mas não consta nos registros. Ninguém pode ter segurança privada, sem autorização oficial. Dê-nos os nomes deles. O arcebispo aquiesceu: - Pois não. São o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

# a história de cada um



## Dom Hélder e o ecumenismo

(Apud. Dom Marcelo Barros) Foi incentivado por Dom Hélder que o irmão Roger Schutz, prior da comunidade ecumênica de Taizé fundou em Olinda uma comunidade ecumênica. Dom Hélder se referia a essa experiência como *uma madrugada luniinosa que anuncia o dia que ainda não chegou*.

Um ano depois, em meio à preparação da conferência dos bispos latino-americanos em Medellín, de modo discreto, Dom Hélder estimulou alguns padres e irmãs, mais inseridos no diálogo com evangélicos, a formar uma equipe ecumênica que ajudasse a arquidiocese.

Pouco tempo depois, nascia de forma autônoma e como um grupo independente, a “Equipe Fraterna”, formada por irmãos e irmãs das Igrejas Luterana, Episcopal, Metodista, Presbiteriana e Batista, além dos católicos. Durante certo tempo, em um dos novos conjuntos habitacionais que, então, surgiam em Olinda, essa equipe assumiu o ministério de uma paróquia ecumênica. Em um único templo, irmãos de várias igrejas se sucediam, em horários estabelecidos, para a formação bíblica e o acompanhamento pastoral do povo.

*Cada pessoa continuava pertencendo a sua comunidade eclesial e era acompanhada para permanecer, mas havia uma formação em comum e os cultos eram assumidos por um ministro da equipe. Mesmo não sendo idéia ou iniciativa sua, Dom Hélder apoiou esse trabalho que ia além do permitido nas normas da Igreja Romana.*

Dom Hélder conversando com o Papa João Paulo II



## Um compromisso com o macroecumenismo

O Concílio Vaticano II definiu que o ecumenismo é a vocação da Igreja porque a divisão é contrária ao projeto de Deus. O trabalho ecumênico é um modo de atender ao pedido de Jesus para que os seus discípulos sejam um.

Compreendido assim, o ecumenismo era para mim e para muitos, o empenho da unidade visível entre cristãos. Respeitávamos as outras tradições religiosas, mas não as conhecíamos para dialogar e viver o que hoje, na América Latina, chamamos de “macro-ecumenismo”. Já naquele tempo, Dom Hélder vivia esse diálogo.

Durante alguns anos, ele presidiu a missa da Festa de Nossa Senhora dos Prazeres. Não sei se no primeiro ou segundo ano de sua participação na festa, todos o esperavam à porta do templo e o arcebispo não chegava. Poucas pessoas souberam que o carro que o trazia quebrara antes do Morro dos Guararapes. O arcebispo subiu a pé. Tomou uma das ladeiras de terra. E no caminho, viu em uma casa, que ali se reunia uma comunidade de culto afro. Parou e entrou na casa. Cumprimentou a todos, abençoou-os e se fez abençoar por eles” Depois, retomou o caminho e foi celebrar a missa da festa.

Consultado sobre isso, ele sorriu e respondeu que tinha uma profunda admiração a esses irmãos que suam, cansam, pulam e dançam à noite inteira para receber o Espírito. Concluiu: “Para nós, cristãos, a comunhão com o Pai parece mais simples e, entretanto, nós damos pouco de nós mesmos para vivê-la bem. Esses irmãos do xangô têm muito a nos ensinar”.

Há trinta anos, ele propunha unir no mundo inteiro “as minorias abraâmicas”. Era uma proposta precursora do macro ecumenismo: unir a serviço do testemunho da vida e da promoção humana essas minorias pertencentes a qualquer religião ou a nenhuma; pessoas e grupos de todas as culturas que aceitassem viver e propor ao mundo um caminho

alternativo para a paz e a justiça, baseado em uma nova relação entre norte e sul do mundo. Neste final de milênio, diante do mundo especializado em exclusão, é urgente retomarmos com toda força esse projeto de reunir novamente as minorias abraâmicas para enfrentar o neoliberalismo excludente, superar os fundamentalismos que ameaçam todas as religiões e testemunhar uma espiritualidade holística a serviço da paz e da justiça, na comunhão com o universo.

*Na tradição judaica “crer é se recordar”. A memória das pessoas é seletiva e pode ser ingrata. Lembrar esse tempo em que Dom Hélder foi jardineiro da primavera eclesial e do povo tem a função de dar a cada pessoa que lê estas linhas o encargo de prosseguir essa tarefa profética a serviço da vida e da justiça.*

## Uma palavra para concluir

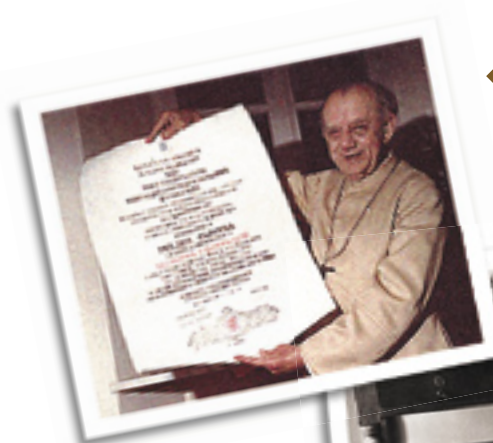
Durante todo o seu sacerdócio foram-lhes conferidas várias homenagens, cujo acervo de condecorações perfaz um total de 716 itens.

- Membro de 41 organizações internacionais e 05 nacionais.
- Distinguiu-se com prêmios da Paz entre eles René Sande; Martin Luther King; Memorial João XXIII de Pax Christ; Artesões da Paz; Prêmio Popular da Paz; Niwano Peace Prize. Doutor honoris (32) incluindo Harvard University, St. Louis University, Louvain, Florença, Fribourg, Amsterdan, Sorbonne.
- Recebeu trinta (30) títulos de Cidadão Honorário, no Brasil e Exterior.
- Foi saudado pelo Papa João Paulo II quando da visita de Sua Santidade ao Brasil em 1980

com o título de “Irmão dos Pobres meu Irmão”.



- Afastou-se da Arquidiocese em 1985, por limite de idade, com o título de Arcebispo Emérito de Olinda e Recife, mas, não abandonou a atividade pastoral.
- Fundou, em 1984 as “Obras de Frei Francisco” (OFF), cujo Conselho Curador presidiu até a data de seu falecimento. Pertencem a esta Instituição a “Casa de Frei Francisco” (Coelhos- Recife-Pe, fundada em 1986) e o “Centro de Documentação Helder Camara”- CEDOHC (inaugurado em 5 de fevereiro de 1999).
- Deixou - em testamento, datado de 20 de julho de 1984 - para Obras de Frei Francisco, todos os bens e direitos autorais de suas obras que terão continuidade através das atividades culturais e dos projetos sociais dentro da Campanha por ele fundada em 1991 “Ano 2000 Sem Miséria” que inspirou o esforço nacional contra a fome, o desemprego e a luta pela cidadania dos excluídos. ♦



♦ Agraciado com seu diploma de Doctor Honoris Causa em Economia e Comércio, pela Universidade de Florença, Itália

♦ A mesa de trabalho de Dom Hélder





# Em missão de saúde e paz em tempos de guerra

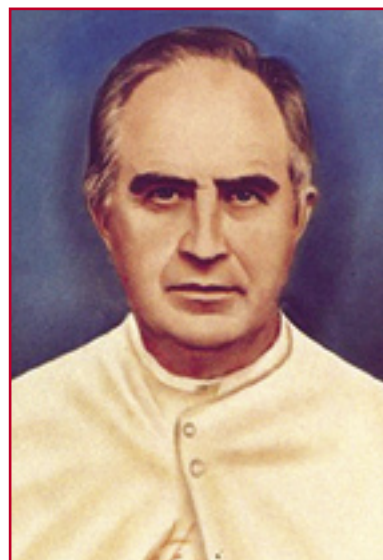
*José Vicente de Andrade*

## Um contexto difícil para a saúde

**Na primeira metade do século XX,** a Igreja católica romana ainda se mantinha atrelada às pressões decorrentes do poderio dos países europeus mais ricos e oficialmente marcados pela tradição católica, que lhes assegurava acessos ao dinheiro e certas formas abusivas de autonomia. A Igreja considerava os países externos à Europa e dentro dela as nações comunistas, como “territórios de missão” para os quais, com muito empenho, ela enviava como seus missionários, os sacerdotes e os religiosos que estivessem disponíveis ou com pouco serviço na Europa. O envio era estratégico: para “ganhar almas” e maior influência, além de garantir controle da fé cristã, na vertente da “ortodoxia romana”.

Padre Eustáquio, convencido de que vivia nas mãos de Deus para servir a Igreja nas pessoas que o procurassem, não tinha o hábito de medir nem filtrar as intenções e as aparências de quem deveria aproximar-se para evangelizar e das que dele se aproximavam. Ele confiava na força da caridade e na misericórdia divina. Talvez por isso, ele não considerava “cristãos inferiores” quem amava a Deus e ao próximo fora da Igreja Católica Romana. Ele sabia que os caminhos de Deus eram muitos e diferentes.

Jamais ele disse que se preocupava com determinada pessoa porque ela era protestante ou espírita. Mas costumava pedir a seus confrades e colaboradores e a seus amigos e paroquianos, que jamais deixassem de acolher todas as pessoas, com caridade e fraternidade. Desde seu primeiro contato com os brasileiros mais simples, em Romaria, ele se demonstrou preocupado com a exclusão causada pelo analfabetismo, pela pobreza, pela fome e pela falta de emprego. Mesmo desconhecendo a língua portuguesa e sem entender tudo o que lhe diziam as pessoas, ele sempre



as acolhia com as expressões do amor de Cristo. Afinal, todas as pessoas que com ele se relacionavam, viam em sua simplicidade e candura, aspectos do coração e da face de Deus.

## Sacerdote para os enfermos e os pecadores

A proclamação que a Igreja fez dele como Missionário da saúde e da paz para os enfermos e os pecadores, exalta a grandiosidade de suas ações e explica a natureza de sua vocação pessoal de ter trabalhado para sanar as deficiências humanas, por todos os lugares em que passou. Ele costumava dizer aos que desejavam suas bênçãos, que “as doenças e os pecados ultrapassam as aparências que nossos sentidos captam e as realidades cujos significados entendemos”. O Beato Eustáquio foi muito além de nossa imaginação!

Nos autos de seu Processo de Beatificação consta do depoimento de dom Tomás Keller, abade do Mosteiro de São Bento, do Rio de Janeiro, que o próprio Padre Eustáquio “não estranhava que Deus operasse milagres

pela água benta, quando ele rezava as fórmulas do ritual. Além de sua fé profunda, ele tinha consciência de que não passava de simples instrumento de Deus para a salvação dos homens”.

Dom Tomás afirmou que, embora tivesse conhecimento das virtudes e de ações extraordinárias realizadas por intermédio do Beato Eustáquio, em favor de religiosos, encontrou-se com ele apenas três vezes. Confessou-se com ele duas vezes e muito lhe impressionaram a paz e a espiritualidade que ele comunicava.

Nos anos em que ficou em Poá, não foram poucos os bispos, os sacerdotes e os religiosos [alguns vindos de longe] que procuravam o Beato para ouvir seus conselhos, receber sua bênção e confessar-se.

## A penitência cotidiana

Padre Eustáquio não dava tréguas a si mesmo. Penitenciava-se de modo constante. Repousava o mínimo, alimentava-se apenas com o necessário, dispunha-se a atender sempre a todos que o procuravam.

Mesmo nos tempos das grandes aglomerações de romeiros, se seus vigários paroquiais não o retirassem do confessionário, passaria horas seguidas, ouvindo confissões, dando conselhos e abençoando as pessoas, especialmente os doentes.

Humildemente agradecia os cuidados de seus confrades para com ele, mas segundo contava o padre Guido Logger que, além de vigário paroquial em Poá, fazia as vezes de seu secretário particular, uma noite um dos vigários paroquiais, talvez cansado de atender confissões por horas seguidas e impaciente com a lentidão do Beato em aspergir com água benta cada uma das pessoas sobre as quais ele fazia longa oração, falou-lhe, em holandês, para não ser entendido pelos fiéis:

- “Padre Eustáquio, o senhor está demorando muito. Dê uma aspergida geral sobre todas essas pessoas e entre na casa paroquial!”

Obteve como resposta não um olhar de censura, mas uma lição especial de grande ternura e zelo.

- “Calma, meu filho! – também respondeu em holandês o Beato - Estou rezando por você também e vou aspergi-lo, agora, de modo especial, pedindo a Deus que aumente sua fé nos sacramentais da Igreja.”

## Homem de procedimentos conscientes e puros

O Bem-aventurado Eustáquio tudo fazia para não magoar pessoa alguma, pois, embora segundo suas próprias palavras, ele se esforçasse para “fugir do que é pequeno ou sem importância nas dimensões da graça e da vida espiritual” [Proc. E,11], em sua vida diária, ele se policiava para se relacionar com o mundo e com cada uma das pessoas, de modo construtivo. Revelou a delicadeza de sua mente, sua visão a respeito da perfeição pessoal e a profundidade de suas preocupações como sacerdote disposto a ser santo, ao escrever dentre outras anotações que compõem os autos do Processo de Beatificação e Canonização: “...Como vou celebrar a Santa missa? Como vou agir no confessionário com os homens, as mulheres e com as crianças? Com os que se apresentam com deficiências?... Como eu irei me preparar para a homilia; quais serão sempre as minhas conclusões? Como irei falar e dialogar com o mundo? Com os homens, com prudência; com as mulheres, com mais prudência ainda. O que terei de evitar em minhas conversas? Não vou falar sobre os ausentes se não houver necessidade de fazê-lo; também não emitirei juízos sobre o próximo a quem irei desculpá-lo sempre, enquanto for possível. Como vou falar com os superiores? Simplesmente sem afetação nem bajulação; porém com respeito.” [Proc. B,III,32]

Não foi por acaso que o Beato Padre Eustáquio obteve sucesso em todos os empreendimentos que lhe foram confiados, na Holanda e no Brasil; nem é por obra humana que a Igreja o glorifica e o apresenta como exemplo de dedicação em missão de saúde e paz para os enfermos e os pecadores. Missão própria de quem, em breve, esperamos seja canonizado.

## Beatificação de Padre Eustáquio van Lieshout

Em 15 de junho de 2006, dia de Corpus Christi, em missa solene presidida por sua Excelência Reverendíssima Dom Walmor Oliveira de Azevedo, Arcebispo de Belo Horizonte, celebrou-se a beatificação do servo de Deus Eustáquio van Lieshout, presbítero, em cerimônia presidida por sua Eminência Reverendíssima o Senhor Cardeal José Saraiva Martins, Prefeito da Congregação para a Causa dos Santos, e Representante do Santo Padre Bento XVI.

A celebração reuniu no Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão), em Belo Horizonte, cerca de 70 mil fiéis, vindos de diversos pontos do Brasil e bispos, sacerdotes, religiosos e familiares do Padre Eustáquio, que vieram da Holanda especialmente para a ocasião.

A programação foi muito bem preparada e contou com o apoio seguro e entusiasmado de Dom Walmor, Arcebispo da Arquidiocese de Belo Horizonte. Quem participou da cerimônia, viveu um momento intenso de fé, ao mesmo tempo iluminado pelo exemplo de dedicação, amor e humildade de Padre Eustáquio, e partilhado na comunhão com todos os irmãos ali presentes.

A missa e a cerimônia de beatificação foram o ponto culminante de um processo trabalhoso que se iniciou em 1956 e do qual a maioria dos fiéis não teve conhecimento. Neste processo, o nosso colega, o jornalista José Vicente de Andrade, teve atuação destacada.

Apresentado como historiador, biógrafo oficial do Padre Eustáquio, José Vicente é muito mais.

Em 1956, quando, ainda seminarista da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, José Vicente entrou em contato com Padre Eustáquio, cujas cartas, anotações e sermões traduzidos para o português, ele revia e datilografava. Começava a preparação para o pedido de beatificação.

Em 1963, José Vicente já estava vinculado ao processo de beatificação. Em 1970, o processo foi paralisado, por decisão tomada no Capítulo Geral da Congregação dos Sagrados Corações. Só em 1982,

com o empenho do então Arcebispo de Belo Horizonte, Dom João Resende Costa, o processo foi reaberto e concluída a fase de preparação para enfim, enviá-lo a Roma. Trabalhando discreta, mas incansavelmente e com muita competência, José Vicente organizou os dados colhidos das diversas fontes, usando metodologia científica apropriada para esse tipo de documentação.

O contato com Padre Eustáquio por meio de sua obra, dos depoimentos de pessoas que o conheceram e do estudo de sua vida marcaram profundamente a pessoa de José Vicente. Ele não só aprendeu muito sobre Pe. Eustáquio, mas sabe de Padre Eustáquio e se sentiu marcado pela força do amor e da sabedoria do religioso.

Os dois textos que se seguem são de autoria de José Vicente de Andrade e nos conduzem a uma reflexão sobre o sentido mais profundo da beatificação do Padre Eustáquio, e de suas conseqüências para a nossa vida.

**José Vicente de Andrade**

**[jose.vicente@padreustaquio.com](mailto:jose.vicente@padreustaquio.com)**

**51 31 3462-2636** ◆



◆ Cerimônia de beatificação do Padre Eustáquio, que reuniu cerca de 70 mil pessoas em Belo Horizonte



# Padre Cícero reabilitado

*Antônio Braga*

## 1º de março de 1899. Juazeiro, Ceará:

“Nós todos aqui, na maior aflição, desenganados do inverno, (...) faziam-se romarias, preces, novenas e mais novenas, orava-se pública e particularmente muito, porque a aflição de todos era imensa, tendo cada um o justo temor dos horrores da seca. Chegou a primeira sexta-feira do mês de março da quaresma deste ano, eu chamo a toda a irmandade, como de costume, para a comunhão reparadora do mês (...) uma comunhão reparadora grande ao Sagrado Coração, segundo sua divina intenção. (...) Passei toda a noite confessando homens, na igreja, aonde passavam também orando, seis ou oito mulheres que faziam parte da irmandade; com pena delas, interrompi o trabalho, fui despachá-las, dando-lhes a comunhão, das quatro e meia para as cinco horas, antes dos outros”.

Em carta a seu bispo, dom Joaquim Vieira, de sete de janeiro de 1890, padre Cícero Romão Baptista, depois de assim descrever o cenário onde tudo aconteceria, relata os fenômenos de que foi testemunha, envolvendo a beata Maria Araújo, uma daquelas “seis ou oito mulheres!”, a quem na madrugada, depois de uma noite em oração, ele, penalizado, deu a comunhão. Quando Maria Araújo recebeu a “sagrada forma”, logo esta se transformou em porção de sangue. Após colocar a âmbula no Sacrário, voltando-se, padre Cícero se depara com Maria Araújo “cheia de aflição e vexame de morte, trazendo a toalha dobrada (por onde correu o sangue) para que não vissem”.

Conhecendo “a sinceridade e simplicidade dessa criatura, a confusão e o vexame com que estava, nem sequer eu tinha dúvida da verdade que via”, Padre Cícero relata as providências que tomou, procurando justificar-se por não ter, no tempo certo, comunicado ao bispo, como devia. A notícia, entretanto, espalhou-se pelo sertão, trazendo milhares de pessoas em romaria a Juazeiro do Norte. Conta padre Cícero, nessa carta, que “... chove de toda parte um aluvião de gente, que tudo quer se confessar, e contritos deveras, (...) famílias e mais famílias, uns a cavalo, outros a pé, com verdadeiro espírito de penitência quanta gente ruim se convertendo”.

## A condenação

Nasceu ali um dos mais longos dramas vividos pela Igreja no Brasil. Dom Joaquim Vieira instituiu uma comissão formada por dois padres para averiguar os acontecimentos. O resultado dessa missão não lhe agradou, designando novos sacerdotes para continuarem a investigação. O novo relatório, contrário ao primeiro, criou uma animosidade jamais superada. Enquanto o bispo mais e mais se posicionava contra as romarias que se multiplicavam em Juazeiro do Norte, elas atraíam gente de todo o nordeste, que encontrava na devoção a Nossa Senhora das Dores e nos sermões e conselhos de padre Cícero uma nova motivação para sua piedade.

Padre Cícero, exortado a negar os fenômenos, alegou motivo de consciência para não fazê-lo, oferecendo-se para obsequioso silêncio. Dom Joaquim Vieira o suspende das faculdades de pregar, confessar e administrar qualquer sacramento. Faz-se recurso à Santa Sé, em petição levada pelo sacerdote que secretariara a primeira comissão. Um longo processo se arrasta e, nele, o padre Cícero é proibido de celebrar a missa, vivendo na espera de uma reconsideração por 38 anos. Morre em 1934, sem alcançá-la. Nesse tempo, como simples leigo, recebe diariamente a comunhão na Igreja onde fora pároco e, como conselheiro, acolhe os romeiros que, de forma crescente, buscam Nossa Senhora das Dores. Juazeiro do Norte, de simples vila vai se tornando uma grande cidade e padre Cícero, seu líder civil e religioso.





## visita panorâmica

### Os romeiros

A morte do padre e a falta de reconhecimento por parte da hierarquia não arrefeceram a devoção daqueles que, ao longo do século, ficaram conhecidos como “os romeiros do padre Cícero”. Em número sempre crescente, esses romeiros estão presentes em todo o nordeste, além de outros, espalhados pelo Brasil por causa das migrações. Nas festas dedicadas a Nossa Senhora das Dores e das Candeias, no Dia de Finados e, em número mais reduzido, em todos os dias do ano, esses romeiros, cerca de dois milhões por ano, acorrem a Juazeiro do Norte para um ritual onde, além de buscarem a confissão e a comunhão, visitam as igrejas de Nossa Senhora das Dores, do Sagrado Coração de Jesus e os lugares próprios do padre Cícero, como a Capela do Socorro, onde está sepultado, sua casa e o horto, onde fazia seus retiros. Esse povo encontrou, na devoção e na prática das romarias, o vigor para resguardar sua identidade cultural e religiosa ao longo de um século, no qual se acentuaram a degradação e a perda das referências culturais das comunidades. Em recente estudo sobre o trânsito religioso nas últimas décadas, verificou-se, na região de influência das romarias do padre Cícero, o maior índice de permanência de fiéis na Igreja Católica. Embora a fidelidade à Igreja Católica seja uma das mais importantes características dos romeiros, as questões disciplinares que marcaram as primeiras quatro décadas desse fenômeno criaram uma situação desconfortável para a Igreja. Acolhendo-os, ainda que com certa reserva, a Igreja não enfrentou um estudo mais aprofundado sobre padre Cícero Romão,

amado por eles como seu guia na devoção a Nossa Senhora das Dores e ao Sagrado Coração de Jesus. O povo, entretanto, continuou crescendo em seu fervor, de forma que a própria permanência e evolução dessa forma de piedade popular provocou, em 2001, o despertar do novo bispo diocesano, dom Fernando Panico. Estimulado, também, pelos gestos de reconciliação de João Paulo II, durante o Grande Jubileu de 2000, dom Fernando iniciou um processo de reabilitação histórico-eclesial do padre Cícero, marcado principalmente pela busca de reconciliação com os romeiros e sua plena inserção na vida da Diocese.

Esse gesto do bispo, proclamando a recíproca pertença do padre Cícero e da Igreja de Crato, ecoou pelo sertão nordestino como sopro de uma grande alegria, multiplicando-se o número de romeiros e sua devoção. A Igreja de Nossa Senhora das Dores foi elevada à condição de Santuário Diocesano. Uma Carta Pastoral, denominada “Romarias e Reconciliação”, selou o acolhimento sem reservas da Igreja a seu povo. Ainda há um grande caminho a ser percorrido, agora em clima de grande esperança e alegria. Essa caminhada servirá como modelo para o diálogo da Igreja com o Povo em nosso tempo.

O autor é assessor da CNBB – Comissão Episc. Pastoral para a Cultura, Educação e Comunic. Social. Membro da Comissão de Estudos para a Reabilitação Histórico-Eclesial de pe. Cícero Romão Baptista/Diocese de Crato, Ceará. ◆



◆ Todos os anos chegam milhares de romeiros a Juazeiro do Norte, para os festejos em torno do Santuário de Nossa Senhora das Dores e dos locais relacionados ao Pe. Cícero



◆ Romeiros chegando de caminhão



# Estrepolias do Arcebispo Emmanuel Milingo

**O Vaticano não tem dúvidas:** o arcebispo Milingo feriu gravemente a Igreja, por isso, serão aplicadas sanções contra ele. Em breve, elas serão comunicadas ao próprio arcebispo e depois divulgadas publicamente, afirmou o porta-voz do Vaticano, Joaquín Navarro Valls. De acordo com especialistas no assunto, dentro da Igreja, o termo sanção significa quase sempre excomunhão e, apesar de o Vaticano não ter pronunciado esta palavra, acreditasse que a Santa Sé poderá aplicar o decreto 1364 do Código de Direito Canônico, que prevê a excomunhão automática para todos aqueles que cometem o pecado de heresia, cisma ou deserção.



◆ O polêmico Arcebispo Emmanuel Milingo tem causado problemas ao Vaticano

## Inocente

Com muita tranqüilidade, o arcebispo Milingo acompanhou sua cerimônia de casamento, ao lado da noiva escolhida pelo reverendo Moon, que tinha conhecido há poucos dias. Bastante seguro de si, o polêmico curandeiro, exorcista e cantor africano afirmou que a excomunhão não significa nada para ele e que seguirá realizando missas todos os dias, como de costume. Uma posição inaceitável para a Santa Sé. Segundo ela, o fato de Milingo ter aceito se casar de acordo com o ritual da seita Moon já o convertia em desertor.

Além de desafiar a Igreja, Milingo acusou o Vaticano de tê-lo abandonado. Mas, não demonstrou nenhum sinal de fraqueza ao declarar que continua sendo católico e que, acima de tudo, seguirá fazendo o que Deus quer, como ter filhos. Quando muitos o criticaram por se casar aos 71 anos, Milingo lembrou que Abraão foi pai aos 100 anos. Para o controvertido arcebispo, seu casamento foi a coisa mais normal do mundo e, alheio inclusive ao cancelamento de sua participação em um congresso sobre ciências ocultas, na Itália, ele se encontra em plena lua-de-mel e não descarta a possibilidade de voltar a gravar discos, inspirados na cultura zulu, que no passado o levaram até o Festival de San remo.

## Menino pobre

Nascido na cidade de Mnutwa, a leste da Zâmbia, Emmanuel Milingo foi analfabeto até os 12 anos e calçou sapatos pela primeira vez aos 18, como ele próprio costuma contar. Sem nenhuma perspectiva de uma vida melhor, decidiu entrar para a Igreja. Uma decisão sábia em termos práticos, que lhe deu a oportunidade de estudar Teologia, Filosofia e Ciências Sociais. Depois de formado, aos 28 anos, foi ordenado padre e, aos 39, arcebispo de Lusaka. Milingo passou a ser uma pessoa de destaque na África, principalmente por suas transmissões de rádio.

## Perseguição

Apesar de sua carreira meteórica, o arcebispo africano teve seus dias de glória contados perante o Vaticano. Catorze anos depois de ter sido ordenado arcebispo, se viu obrigado a renunciar a seu posto, a pedido do papa João Paulo II. Segundo o Pontífice, as atividades desempenhadas por Milingo, como a de curandeiro e exorcista, eram incompatíveis com seu cargo eclesiástico. Ele foi acusado de estar com distúrbios mentais e chamado a Roma para ser submetido a um verdadeiro processo.



## visita panorâmica

### Milingo, o arcebispo rebelde, continuou

Mais tarde, o Vaticano encontrou um trabalho para Milingo, como vice-presidente de um órgão encarregado da pastoral de turismo. Mas, não contente, o arcebispo rebelde continuou exercendo suas atividades de curandeiro e exorcista, primeiro apenas em Roma, onde vive desde 1983, depois em toda a Itália e, em seguida, no mundo inteiro. A gota d'água para a Santa Sé foi o contato do arcebispo com a seita Moon. E mal sabia o papa o que ainda estava por vir, como casamento, lua-de-mel e provavelmente filhos.



◆ O Arcebispo Milingo no dia de seu casamento com a acupunturista coreana Maria Sung Milingo

### Coalizão Internacional de Sacerdotes Católicos Casados

“O Arcebispo Católico Romano Milingo lidera um Movimento de Coalizão para a Igreja Mãe se reconciliar e reconduzir os Sacerdotes Casados ao Serviço Ativo.” Uma coalizão internacional de sacerdotes casados, para promover um urgente chamamento à Igreja Católica Romana para a reconciliação com os sacerdotes casados foi realizada na sexta-feira dia 14 de julho, no Templo Imani da Congregação Africana Católica Americana de Washington, DC nos Estados Unidos.

O Arcebispo Emmanuel Milingo, carismático líder espiritual da Zâmbia e ex-Arcebispo de Lusaka; Arcebispo George Stallings, fundador e pastor da Congregação Católica Afro-Americana Templo Imani; Arcebispo Patrick E. Trujillo, atual líder espiritual da Arquidiocese de Nossa Senhora

de Guadalupe da Antiga Igreja Católica na América; Arcebispo Peter Paul Brennan, o primaz da Ordem da reunião das Corporações que promovem a Unidade Cristã através de oração e ação; Bispo Joseph J. Gouthro, Bispo Presidente da Igreja Católica Apostólica América em Nevada; Padre Pietro Ceroni, teólogo, escritor e sacerdote casado de Viterbo, Itália, e diretor da Associação de Sacerdotes casados (Associazione Sacerdoti Lavoratori Sposati); Padre Giuseppe Serrone um sacerdote casado de Bergamo, Itália; Padre Dairo Ferraboli, pastor, professor, ativista da juventude e palestrante de conferências sobre Valores da Família na área Norte de New Jersey, e outros.

Quinta-feira, 13 de julho, o Arcebispo Emmanuel Milingo reuniu um grupo de sacerdotes casados de todas as partes do mundo em Washington, para formar uma nova associação de sacerdotes casados, a ser denominada de SACERDOTES CASADOS JÁ. O grupo, que emitirá um comunicado para a Igreja Católica Romana para a reconciliação e recondução dos sacerdotes casados ao serviço ativo em paróquias por todo o mundo, cresce em interesse para as dezenas de milhares de sacerdotes que deixaram os favores da Igreja Católica Romana devido a seus casamentos “Estes sacerdotes casados são um recurso valioso para a Igreja e esta nova organização procura encontrar formas para reconciliar a Igreja Mãe com seus filhos que receberam e aceitaram o chamado de Deus para servir”, disse o Arcebispo de 76 anos e líder dos SACERDOTES CASADOS JÁ. “A reconciliação de 150.000 sacerdotes casados com a Igreja e a reforma de uma Igreja em crise através da renovação do matrimônio e da família são importantes,” ele acrescentou.

O Arcebispo Emmanuel Milingo, o clérigo carismático que defende o “não-convencional”, matrimônio público e o fim para o voto de celibato conduzindo a controvérsia com o Vaticano, planeja embarcar em um ministério carismático independente para reconciliar os sacerdotes casados com a fé Católica.

Pessoalmente ordenado pelo Papa Paulo VI em 1969 com apenas 39 anos, Milingo foi chamado de volta para Roma em 1982 em meio à controvérsia de seus extraordinários poderes de cura. Seu ministério para “pregar o Evangelho, curar o doente e expulsar os demônios” (Mateus 10:8, Marcos 16:15, Lucas 9:2) floresceu na Europa, e sua popularidade cresceu a



despeito dos esforços para restringir seu ministério. Trabalhando em Roma sob a proteção do Papa João Paulo II, seu casamento como uma acunpunturista sul coreana em 2001 atraiu a atenção da mídia internacional. Seu casamento não foi reconhecido pela Igreja, e pelo respeito e amor pelo Santo Padre, ele honrou as exigências do pontífice e retornou ao seu ministério de curas em Roma.

“O Arcebispo Milingo não está procurando romper ou dividir a Igreja (Católica Romana), mas está agindo movido pelo profundo amor pela Igreja e no interesse por seu futuro”, disse o Arcebispo George Augustus Stallings, fundador da Congregação Católica Afro-Americana.

Sacerdotes casados da Itália, do Brasil que é o país mais católico do mundo e dos Estados Unidos se unirão ao arcebispo tal como ele lançou um ministério para a renovação da família pelo futuro da Fé Católica. “A Igreja não tem nada a perder ao permitir que os sacerdotes tenham a opção de se casar. Historicamente, os matrimônios sagrados têm vindo através dos sacerdotes, papas, e amados servos de Deus e da Igreja”, disse Milingo.

Bispo Dom Edson Luiz Campos da Silva, editor do Jornal Boa-Nova e membro do Conselho Episcopal da Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB) está apoiando o movimento dos sacerdotes casados e disse: “Deus permite que os clérigos sejam casados, mas em torno do ano 1045, um papa determinou o celibato aos seus sacerdotes. Dom Carlos fundador da ICAB em 1945, liberou o casamento dos diáconos, padres e bispos valorizando a família, a primeira instituição criada e abençoada pelo Criador.” ♦



♦ O Arcebispo Emmanuel Milingo continua celebrando a missa todos os dias

## Igreja da América Latina: Rumo à 5ª Conferência

*Maria Clara Lucchetti Bingemer*

### Adital - A Igreja da América Latina

se prepara para a V Conferência do Episcopado latino-americano em Aparecida, São Paulo, em 2007. O documento de participação já chegou às comunidades, ajudando a que todo o povo de Deus possa participar e preparar-se para esse grande momento de comunhão eclesial que reunirá todo o continente. Sua Santidade, o Papa Bento XVI, virá abrir a Conferência. Dará assim um cunho de universalidade de suma importância a um acontecimento eclesial como este, que não acontecia desde 1992, em Santo Domingo. Após o Concílio Vaticano II, a Igreja latino-americana empenhou-se em fazer sua leitura e assimilação própria dos novos tempos que o Concílio trazia. Sentia

como urgente que sua teologia e sua pastoral não fossem mais apenas reflexo da eclesialidade européia, mas refletissem o específico, os problemas e situações latino-americanas. É assim que, em 1968, em Medellín, Colômbia, aconteceu a reunião de todo o episcopado, cujas conclusões apontam três linhas-força para a Igreja do continente: a luta pela justiça inseparável do trabalho de evangelizar e anunciar a Boa Nova; um novo modo de fazer teologia, a partir da situação dos pobres e dos problemas sociais; a articulação das bases comunitárias que, reunidas em torno do Evangelho, inventavam um novo modo de ser Igreja. Onze anos depois, em 1979, em Puebla de los Angeles, México, aconteceu outra conferência do episcopado do



## visita panorâmica

continente. Puebla recolhia a vivência pós-Medellín, e reforçava e consolidava os três marcos principais assumidos por todo o episcopado em 1968.

A prioridade da luta pela justiça, entendida como inseparável da evangelização, era um fato e uma opção de toda a Igreja latino-americana. Em Puebla, consagrou-se a terminologia que já circulava pelos meios eclesiais: opção preferencial pelos pobres. A Teologia da Libertação já tinha então vários anos de caminhada, de reflexão, com muitos adeptos e muitas obras publicadas que, traduzidas em várias línguas, circulavam no mundo inteiro. Puebla declarou em seu documento de conclusões que essa teologia encontrara cidadania na Igreja do continente e se mostrava adequada para pensar a fé cristã na situação da América Latina. Bem depois de Puebla, esse modo de fazer teologia continua merecendo atenção de especialistas e pesquisadores em várias grandes universidades do mundo ocidental.

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) eram o rosto concreto da articulação das bases comunitárias que Medellín detectara e apontara. Comunidades reunidas em torno do Evangelho e da Palavra de Deus que, confrontadas com a vida, ofereciam pistas e orientações para o agir transformador da realidade. As CEBs mostravam um novo modo de ser Igreja, mais flexível, menos estruturado e com muitas comunidades espalhadas pelo continente.

De Puebla a Santo Domingo foram treze anos. Era o ano do quinto centenário da chegada dos

colonizadores ao Novo Mundo. A Igreja se reunia então ali onde Colombo aportara. O momento eclesial já era outro. O documento de conclusões mostrou uma linha diferente das duas conferências anteriores, assinalando uma prioridade pastoral que viria a ser de extrema importância para os anos seguintes: o protagonismo dos leigos, sem o qual “não haveria nova evangelização”.

Quinze anos depois, em 2007, a Igreja se prepara novamente para estar reunida pensando sua missão no aqui e agora do continente latino-americano. São tempos diferentes. O mundo muda em grande velocidade. Os países latino-americanos que gemiam sob ditaduras sangrentas nos anos 70 e 80, agora têm regimes democráticos. A teologia alargou seu olhar para além do sócio-político-econômico, enxergando como prioritárias questões como ecologia, gênero, mística, espiritualidade, raça, etnia.

O episcopado propõe como prisma para a reunião aquilo que é o coração do Evangelho: o discipulado cristão. No fundo, é o mesmo que dizer que não podemos ajudar a solucionar os problemas sociais e econômicos do continente onde vivemos se não temos aguda consciência de quem somos. E somos discípulos de Jesus Cristo, eternos aprendizes que procuram seguir o Mestre para descobrir o caminho para viver e conduzir os outros à vida em plenitude.

**Maria Clara Lucchetti Bingemer é teóloga, professora e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. ♦**

♦ A 5ª Conferência do Episcopado Latino-Americano acontecerá na cidade de Aparecida, São Paulo, em 2007

